v7.n7.2026

REVISTA CIENTÍFICA - RECIMA21 ISSN 2675-6218

CUIDADOS COM A SAÚDE VISUAL EM PESSOAS COM ALBINISMO: DESAFIOS, ESTRATÉGIAS PREVENTIVAS E QUALIDADE DE VIDA

EYE HEALTH CARE FOR PEOPLE WITH ALBINISM: CHALLENGES, PREVENTIVE STRATEGIES AND QUALITY OF LIFE

CUIDADOS DE LA SALUD VISUAL EN PERSONAS CON ALBINISMO: RETOS, ESTRATEGIAS PREVENTIVAS Y CALIDAD DE VIDA

Anabela Santana Lopes[1], Hilda Caramantin-Soriano[2]

e778648
https://doi.org/10.47820/recima21.v7i7.8648

PUBLICADO: 07/2026

RESUMO

O albinismo é uma condição genética caracterizada pela ausência ou redução da produção de melanina, podendo ocasionar alterações significativas no sistema visual. Nesse contexto, o presente estudo teve como objetivo analisar os cuidados relacionados à saúde visual de pessoas com albinismo, considerando os principais desafios enfrentados, as estratégias de prevenção e os impactos dessa condição na qualidade de vida, sob a perspectiva da optometria. Trata-se de uma revisão integrativa da literatura, de abordagem qualitativa, desenvolvida com base em artigos científicos, dissertações e documentos institucionais publicados no período de 2014 a 2025. Os resultados evidenciaram que indivíduos com albinismo apresentam, com frequência, alterações visuais como baixa acuidade visual, fotofobia, nistagmo, estrabismo e erros refrativos, condições que podem comprometer o desempenho escolar, a autonomia nas atividades diárias e a inclusão social. Além disso, verificou-se que a atuação optométrica desempenha papel essencial na avaliação funcional da visão, na prescrição de correções ópticas e na indicação de recursos de adaptação visual, contribuindo significativamente para a promoção da independência e da qualidade de vida dessas pessoas. Conclui-se que o acompanhamento contínuo e multiprofissional é essencial para reduzir os impactos do albinismo sobre a função visual, favorecendo a inclusão social, a qualidade de vida e a participação plena dos indivíduos na sociedade. Assim, a implementação de estratégias de cuidado integradas mostra-se indispensável para uma assistência mais efetiva e humanizada.

PALAVRAS-CHAVE: Albinismo. Optometria. Qualidade de vida.

ABSTRACT

Albinism is a genetic condition characterised by the absence or reduction in melanin production, which can lead to significant changes in the visual system. In this context, the aim of this study was to analyse eye care for people with albinism, considering the main challenges faced, prevention strategies and the impact of this condition on quality of life, from an optometric perspective. This is an integrative literature review, employing a qualitative approach, based on scientific articles, dissertations and institutional documents published between 2014 and 2025. The results showed that individuals with albinism frequently present with visual impairments such as low visual acuity, photophobia, nystagmus, strabismus and refractive errors – conditions that can compromise academic performance, independence in daily activities and social inclusion. Furthermore, it was found that optometric practice plays an essential role in the functional assessment of vision, the prescription of optical corrections and the recommendation of visual

[1] FIEP, graduada em Ótica e Optometria.
[2] FIEP, Doutora em Ciências.

Este artigo é publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC-BY), que permite uso, distribuição e reprodução irrestritos em qualquer meio, desde que o autor original e a fonte sejam creditados.

adaptation aids, contributing significantly to promoting the independence and quality of life of these individuals. It can be concluded that ongoing, multi-professional care is essential for reducing the impact of albinism on visual function, thereby promoting social inclusion, quality of life and the full participation of individuals in society. Consequently, the implementation of integrated care strategies is essential for more effective and person-centred care.

KEYWORDS: *Albinism. Optometry. Quality of life.*

RESUMEN
El albinismo es una afección genética caracterizada por la ausencia o la reducción de la producción de melanina, lo que puede provocar alteraciones significativas en el sistema visual. Este estudio tuvo como objetivo analizar los cuidados relacionados con la salud visual de las personas con albinismo, considerando los principales retos enfrentados, las estrategias de prevención y el impacto de esta afección en la calidad de vida, desde la perspectiva de la optometría. Se trata de una revisión integradora de la literatura, con un enfoque cualitativo, elaborada a partir de artículos científicos, tesis y documentos institucionales publicados entre 2014 y 2025. Los resultados indicaron que las personas con albinismo presentan con frecuencia alteraciones visuales como baja agudeza visual, fotofobia, nistagmo, estrabismo y errores de refracción, que pueden comprometer el rendimiento escolar, la autonomía en las actividades cotidianas y la inclusión social. Se constató que la intervención optométrica desempeña un papel esencial en la evaluación funcional de la visión, en la prescripción de correcciones ópticas y en la indicación de recursos de adaptación visual, para promover la independencia y la calidad de vida de estas personas. Se concluye que el seguimiento continuo y multiprofesional es esencial para reducir los efectos del albinismo sobre la función visual, favoreciendo la inclusión social, la calidad de vida y la plena participación de las personas en la sociedad. Por lo tanto, las estrategias de atención integradas son indispensables para una asistencia más eficaz y humanizada.

PALABRAS CLAVE: *Albinismo. Optometría. Calidad de vida*.

INTRODUÇÃO

Os problemas de saúde visual representam uma questão relevante de saúde pública no Brasil, afetando uma parcela significativa da população e interferindo diretamente na qualidade de vida, no desempenho escolar e na inclusão social.

Dados do Censo Demográfico de 2022, realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), apontaram que aproximadamente 7,9 milhões de brasileiros apresentam dificuldade para enxergar. Quando consideradas todas as alterações visuais, esse número pode ultrapassar 35 milhões de pessoas, incluindo indivíduos com condições congênitas que comprometem o desenvolvimento do sistema visual desde o nascimento (IPC, 2026; IBGE, 2025).

Nesse sentido, Pereira, Araujo e Patuzzo (2016) mencionaram que entre as condições genéticas que afetam a saúde visual, destaca-se o albinismo, uma desordem hereditária caracterizada pela ausência total ou parcial da produção de melanina, pigmento responsável pela coloração da pele, dos cabelos e dos olhos.

Este artigo é publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC-BY), que permite uso, distribuição e reprodução irrestritos em qualquer meio, desde que o autor original e a fonte sejam creditados.

A prevalência do albinismo varia entre diferentes populações e regiões do mundo. Estima-se uma incidência global de aproximadamente um caso para cada 20 mil habitantes, estando presente em todos os grupos étnicos. No entanto, sua ocorrência é mais elevada entre populações negras, especialmente na África Subsaariana, onde a incidência pode alcançar um caso para cada 5.000 pessoas. Além disso, comunidades com elevados índices de consanguinidade apresentam prevalências significativamente maiores, como a tribo Bhatti, no Paquistão, e o povo Kuna, no Panamá, nas quais a ocorrência do albinismo é estimada em cerca de 5% e entre 5% e 10% da população, respectivamente (Luz, 2021; Brasil, 2022; Sano, 2025).

No Brasil, ainda são escassos os estudos epidemiológicos voltados ao mapeamento da população com albinismo. Apesar dessa limitação, estima-se que aproximadamente 21 mil brasileiros possuam a condição, sendo a região com maior concentração de população afrodescendente, o Nordeste, que tendem a apresentar maior incidência da desordem genética (Ero *et al*., 2021; Brasil, 2022).

Nesse contexto, além das alterações na pigmentação, as pessoas com albinismo apresentam elevada sensibilidade à radiação ultravioleta (RUV), tornando-se mais suscetíveis a queimaduras solares, lesões cutâneas e ao desenvolvimento de câncer de pele. Entretanto, os impactos mais significativos da condição estão frequentemente relacionados às alterações visuais, em que as manifestações da doença se concentram predominantemente nos olhos.

Segundo Oliveira, Ferreira e Foschini (2022), as alterações na melanina dos albinos estão associadas à dificuldade de focalização e à redução da qualidade da visão, impactando diretamente as atividades cotidianas e trazendo como consequência a baixa acuidade visual, a fotofobia, o nistagmo e o estrabismo, condições que, na maioria das vezes, aparecem de forma conjunta. Para Sonoda, Silva e Pereira (2021), as alterações visuais nos albinos dificultam as atividades simples, como leitura, escrita e reconhecimento de objetos à distância, refletindo negativamente no desempenho escolar e na interação social.

Diante desse cenário, torna-se fundamental a implementação de estratégias que promovam a adaptação visual e a maximização da capacidade funcional da visão. Dessa forma, a optometria se apresenta como uma área fundamental, pois atua diretamente na avaliação da função visual e na implementação de estratégias que visam melhorar o desempenho visual. Conforme destacaram Sonoda, Silva e Pereira (2021), a atuação do optometrista contribui significativamente para a promoção da saúde visual por meio da prescrição de recursos ópticos, da orientação especializada e do acompanhamento contínuo, favorecendo a independência e a inclusão social das pessoas com baixa visão.

Este artigo é publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC-BY), que permite uso, distribuição e reprodução irrestritos em qualquer meio, desde que o autor original e a fonte sejam creditados.

Além das limitações visuais, indivíduos com albinismo frequentemente enfrentam desafios sociais relacionados ao preconceito, à discriminação e à falta de conhecimento da população acerca da condição. Essas situações podem comprometer a autoestima, o desenvolvimento emocional e a participação social, evidenciando que os impactos do albinismo ultrapassam os aspectos clínicos e alcançam dimensões sociais, educacionais e psicológicas (Mosquera *et al.,* 2020). Dessa forma, o cuidado com a saúde visual deve contemplar não apenas a correção das alterações visuais, mas também ações voltadas à promoção da inclusão (Sonoda*;* Silva; Pereira*,* 2021).

Considerando a relevância das alterações visuais associadas ao albinismo e seus impactos na vida dos indivíduos, torna-se necessário ampliar as discussões acerca dos cuidados em saúde visual destinados a essa população. Assim, o presente estudo teve como objetivo analisar os cuidados com a saúde visual de pessoas com albinismo, considerando os principais desafios enfrentados, as estratégias de prevenção e os impactos na qualidade de vida. Como objetivos específicos, buscou-se compreender de que maneira a atuação optométrica pode contribuir para a avaliação, correção e reabilitação visual desses indivíduos, promovendo maior autonomia, inclusão social e melhores condições de vida.

1. REFERENCIAL TEÓRICO

1.1. Histórico do albinismo

Segundo Moura (2022) e Rosa (2021), os primeiros registros de indivíduos com características compatíveis com o albinismo remontam ao século XVI, a partir das descrições do explorador espanhol Hernán Cortés, no México. Ainda no final desse século, pessoas negras escravizadas e comercializadas na costa africana foram descritas como albinas pelo escritor Balthazar Tellez.

Ao longo do século XVII, foram relatados casos de indivíduos com albinismo em diferentes regiões da costa do Panamá e do território que atualmente corresponde à Colômbia, especificamente no arquipélago de San Blas e na Baía de Urabá, onde habitavam os indígenas Cuna. Na época, estimava-se uma incidência de um caso de albinismo para cada 200 a 300 habitantes. A frequência da condição nessas populações permanece entre as mais elevadas do mundo, tendo alcançado 1,75% da população em 1957 (Björnberg, 1960 apud Moura, 2022).

No Brasil, durante a segunda década do século XIX, o desenhista e militar inglês Henry Chamberlain registrou a imagem de uma mulher negra escravizada, comparando-a às “albinas da Europa” (Moura, 2022).

Este artigo é publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC-BY), que permite uso, distribuição e reprodução irrestritos em qualquer meio, desde que o autor original e a fonte sejam creditados.

Em 1877, o jornal *Correio Mercantil* noticiou, no Rio de Janeiro, um caso tratado como um “milagre”: o de um homem escravizado descrito como albino que, posteriormente, foi exibido publicamente de maneira degradante e desumanizante (Moura, 2022).

Nessa perspectiva, ao longo do século XIX o albinismo passou a ser objeto de investigação científica mais sistemática. Pesquisadores buscaram compreender e caracterizar a condição sob uma perspectiva médica e biológica. Entre eles, destacou-se o naturalista e zoólogo francês Étienne Geoffroy Saint-Hilaire, que descreveu o que denominou de “albino perfeito”, procurando estabelecer características que permitissem identificar o indivíduo considerado um albino “genuíno”. Nesse contexto, ao final do século, em 1895, um médico dermatologista húngaro distinguiu o albinismo do vitiligo, contribuindo para a diferenciação diagnóstica entre as duas condições (Moura, 2022).

Já no século XX, a patogênese do albinismo fora esclarecida pelos estudos do médico inglês Archibald Garrod, ao constatar que se tratava de um erro inato do metabolismo. Somente após a Segunda Guerra Mundial (1939-1945) foi possível, através dos trabalhos isolados de Garrod, Trevor-Roper e Kugelman e Van Scott, constatar a heterogeneidade genética do albinismo (Moura, 2022).

Por outro lado, em algumas regiões do mundo, as características dos albinos são objeto de crenças místicas. Na Tanzânia, os indivíduos albinos são assassinados e seus órgãos usados em rituais de magia, na crença de que partes do corpo dessas pessoas, como cabelo ou sangue, poderiam ajudar a acumular riquezas ou curar doenças. Nessa perspectiva, mulheres e crianças com albinismo são particularmente vulneráveis à violência, incluindo a sexual, motivada muitas vezes por mitos nocivos e fetichização do albinismo (Ero, 2021).

1.2. O albinismo e suas características

O termo “albus”, que, em latim, significa branco, foi utilizado pela primeira vez por Baltazar Tellez para descrever escravos negros albinos (Fitzpatrick, 1960; King, 1987 Apud Moura, 2022).

O albinismo pode ser definido como uma condição genética hereditária caracterizada pela ausência ou redução da melanina. Além da aparência física, essa condição afeta diretamente a saúde visual, já que a melanina também tem um papel importante no desenvolvimento adequado dos olhos (Gronskov *et al*., 2019).

Nesse sentido, compreende-se que o albinismo está associado a alterações genéticas que comprometem a produção de melanina, exigindo atenção especial desde os primeiros anos

Este artigo é publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC-BY), que permite uso, distribuição e reprodução irrestritos em qualquer meio, desde que o autor original e a fonte sejam creditados.

de vida, em que o acompanhamento precoce é essencial para minimizar os impactos no desenvolvimento visual (Gronskov *et al*., 2019).

1.2.1. Tipos de albinismo

O albinismo pode ser classificado em diferentes tipos, sendo os mais comuns o albinismo oculocutâneo e o albinismo ocular.

Essa classificação é importante porque cada tipo apresenta características específicas, principalmente em relação às alterações visuais e às manifestações físicas. Dessa forma, compreender essas diferenças contribui para um melhor diagnóstico e para a definição de estratégias de cuidado mais adequadas (Sano, 2025).

Albinismo oculocutâneo

O albinismo oculocutâneo é o tipo mais comum de albinismo e se caracteriza pela ausência ou redução de melanina na pele, nos cabelos e nos olhos. Essa condição tem origem genética e está relacionada a alterações que interferem na produção da melanina, pigmento essencial não apenas para a coloração do corpo, mas também para o desenvolvimento adequado das estruturas oculares. Dessa forma, o albinismo oculocutâneo não se limita a uma questão estética, mas envolve impactos significativos na saúde visual desde o nascimento (Brasil, 2022).

Sano (2025) destacou que albinismo oculocutâneo pode apresentar diferentes subtipos, que variam conforme o gene afetado. Apesar dessas variações, os indivíduos costumam apresentar características semelhantes, principalmente relacionadas à hipopigmentação e às alterações visuais. Nessa perspectiva, Montoliu *et al.* (2014) ressaltaram que as alterações genéticas mais frequentemente associadas ao albinismo oculocutâneo correspondem ao albinismo oculocutâneo tipo 1 (OCA1), causado por mutações no gene da tirosinase (*TYR*), e ao albinismo oculocutâneo tipo 2 (OCA2), decorrente de alterações no gene responsável pela produção da proteína P. Além desses, foram descritos outros subtipos mais raros de albinismo oculocutâneo, incluindo OCA3, OCA4, OCA5, OCA6 e OCA7, cada um relacionado a mutações em genes específicos envolvidos na síntese e no transporte da melanina.

Além das alterações físicas visíveis, o albinismo oculocutâneo está associado a diversas alterações visuais, como baixa acuidade visual, fotofobia e nistagmo, que podem impactar significativamente a qualidade de vida do indivíduo (Brasil, 2022; Sano, 2025).

Este artigo é publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC-BY), que permite uso, distribuição e reprodução irrestritos em qualquer meio, desde que o autor original e a fonte sejam creditados.

Os sintomas do albinismo oculocutâneo envolvem tanto aspectos físicos quanto visuais, sendo perceptíveis desde os primeiros anos de vida. Entre as características físicas mais comuns, destacam-se a pele e os cabelos claros e a baixa pigmentação dos olhos (Brasil, 2022).

No entanto, os principais impactos estão relacionados à visão. É comum que indivíduos com essa condição apresentem baixa acuidade visual, nistagmo (movimentos involuntários dos olhos), fotofobia (sensibilidade à luz) e estrabismo. Essas alterações estão diretamente ligadas ao desenvolvimento incompleto de estruturas oculares, como a retina e a fóvea, o que compromete a qualidade da visão (Sano, 2017).

Além disso, essas dificuldades visuais podem interferir no cotidiano da criança, tornando as tarefas mais simples, como leitura, escrita e reconhecimento de objetos à distância, bastante desafiadoras. Consequentemente, isso pode afetar o desempenho escolar e a interação social, evidenciando a importância de um acompanhamento adequado desde cedo (Oliveira; Ferreira; Foschini, 2022).

Por outro lado, o diagnóstico do albinismo oculocutâneo é realizado a partir da avaliação clínica e oftalmológica, sendo possível identificar sinais da condição ainda nos primeiros meses de vida (Sano, 2017). O exame oftalmológico é fundamental para confirmar o diagnóstico, permitindo a identificação de alterações visuais características, como a redução da acuidade visual, a presença de nistagmo e alterações na retina. Em alguns casos, exames complementares, como testes genéticos, podem ser utilizados para identificar o tipo específico de albinismo, contribuindo para um diagnóstico mais preciso (Brasil, 2022).

O albinismo oculocutâneo não possui cura, porém existem diversas estratégias que contribuem para a melhora da qualidade de vida e para a adaptação visual do indivíduo. Dessa forma, o tratamento é voltado principalmente para o controle dos sintomas e para a prevenção de complicações (Andrade *et al*., 2024). Entre as principais intervenções, destaca-se o uso de óculos com grau adequado para correção dos erros refrativos, além de lentes com filtros especiais que ajudam a reduzir a sensibilidade à luz. O uso de bonés, chapéus e óculos escuros também é recomendado como forma de proteção contra a luminosidade excessiva (Brasil, 2022).

Além disso, a atuação da optometria é fundamental nesse processo, pois o optometrista deve acompanhar o desenvolvimento visual, identificar alterações precocemente e orientar estratégias que favoreçam o desempenho visual nas atividades do dia a dia. Em alguns casos, recursos de baixa visão, como lupas e auxílios ópticos, também podem ser utilizados para facilitar tarefas como leitura e escrita (Sano, 2025).

Este artigo é publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC-BY), que permite uso, distribuição e reprodução irrestritos em qualquer meio, desde que o autor original e a fonte sejam creditados.

Albinismo Ocular

O albinismo ocular é a forma mais específica da condição, em que as alterações estão concentradas principalmente nos olhos, sem comprometer de forma significativa a pele e os cabelos. Esse tipo está geralmente relacionado a alterações genéticas e pode apresentar herança ligada ao cromossomo X, o que explica sua maior ocorrência em indivíduos do sexo masculino (Moura, 2022).

Diferente do albinismo oculocutâneo, em que as alterações físicas são mais evidentes, o albinismo ocular pode passar despercebido em um primeiro momento. No entanto, mesmo sem sinais externos marcantes, essa condição pode provocar prejuízos importantes na visão, o que reforça a necessidade de um acompanhamento especializado desde a infância, principalmente no contexto da saúde visual e do desenvolvimento escolar (Andrade *et al.*, 2024).

Os principais sintomas do albinismo ocular são predominantemente visuais, sendo perceptíveis desde os primeiros anos de vida. Entre eles, destacam-se a baixa acuidade visual, o nistagmo, a fotofobia e a dificuldade de foco (Brasil, 2022). Essas alterações estão diretamente relacionadas à falta de pigmentação nas estruturas oculares, o que interfere no desenvolvimento adequado da retina e na forma como a luz é processada pelo olho. Como consequência, a visão pode se tornar menos nítida e mais sensível à luminosidade, dificultando atividades do cotidiano (Sano, 2017).

Além disso, as limitações visuais podem impactar o desempenho em atividades escolares, especialmente aquelas que exigem maior esforço visual, como leitura e escrita, tornando necessário um olhar mais atento para essas crianças (Oliveira; Ferreira; Foschini, 2022).

O diagnóstico do albinismo ocular é realizado principalmente por meio de exames oftalmológicos detalhados, uma vez que as alterações externas podem não ser evidentes. Por isso, muitas vezes a identificação da condição ocorre a partir da investigação das dificuldades visuais apresentadas pela criança (Brasil, 2022).

Entre os principais exames utilizados estão a avaliação da acuidade visual, o exame de fundo de olho e os testes de motilidade ocular, que permitem identificar alterações características do albinismo. Em alguns casos, exames genéticos podem ser solicitados para confirmação diagnóstica, contribuindo para uma avaliação mais precisa (Brasil, 2022). Nesse contexto, o diagnóstico precoce se torna essencial, pois possibilita o início de intervenções que auxiliam no desenvolvimento visual e na adaptação da criança às suas necessidades visuais (Andrade *et al.*, 2024).

Este artigo é publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC-BY), que permite uso, distribuição e reprodução irrestritos em qualquer meio, desde que o autor original e a fonte sejam creditados.

Assim como no albinismo oculocutâneo, o albinismo ocular não possui cura, porém pode ser acompanhado por meio de estratégias que contribuem para a melhora da função visual e da qualidade de vida. Entre essas estratégias, destaca-se o uso de óculos corretivos, lentes com filtros especiais para redução da fotofobia e recursos ópticos auxiliares, como lupas e materiais ampliados. Essas intervenções ajudam a potencializar o uso da visão residual e facilitam a realização de atividades do dia a dia (Sonoda; Silva*;* Pereira, 2021).

Além disso, adaptações no ambiente, como o controle da iluminação e a organização de espaços mais adequados para leitura e estudo, são fundamentais para favorecer o desempenho visual. Nesse sentido, a atuação da optometria se mostra essencial, pois o acompanhamento contínuo permite identificar necessidades específicas e orientar estratégias que promovam maior autonomia e inclusão (Sano, 2025).

Albinismo associada a Síndromes Genéticas Raras

O albinismo está associado a manifestações sistêmicas, como a síndrome de Hermansky-Pudlak, podendo ocasionar distúrbios da coagulação e doenças de depósito de ceroide, e a síndrome de Chédiak-Higashi, caracterizada por imunodeficiência e alterações neurológicas. Diante da suspeita dessas condições, a realização de testes genéticos é fundamental para confirmar o diagnóstico, orientar o manejo clínico e instituir medidas terapêuticas adequadas, contribuindo para a prevenção de complicações mais graves (Brasil, 2022).

1.3. Alterações visuais

Entre as alterações mais frequentes, destaca-se a baixa acuidade visual, considerada uma das principais características do albinismo. Essa condição está relacionada, principalmente, à hipoplasia foveal, ou seja, ao desenvolvimento incompleto da fóvea, região responsável pela visão central e pela nitidez das imagens. Além disso, erros refrativos como miopia, hipermetropia e astigmatismo também são comuns, exigindo correção óptica para melhorar o desempenho visual (Sano, 2025).

Outra alteração bastante presente é o nistagmo, caracterizado por movimentos involuntários dos olhos, que dificultam a fixação do olhar e prejudicam a estabilidade da visão. Associado a isso, o estrabismo também pode ocorrer, afetando o alinhamento ocular e comprometendo a visão binocular.

Este artigo é publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC-BY), que permite uso, distribuição e reprodução irrestritos em qualquer meio, desde que o autor original e a fonte sejam creditados.

Essas condições, quando combinadas, podem interferir na percepção de profundidade e na coordenação visual, dificultando atividades que exigem precisão visual (Andrade *et al.,* 2024).

Além disso, a fotofobia é uma das queixas mais relatadas por pessoas com albinismo. Nesse sentido, a baixa quantidade de melanina na íris permite uma maior entrada de luz no olho, aumentando a sensibilidade à luminosidade e causando desconforto em ambientes muito claros. Esse fator pode influenciar diretamente no rendimento escolar e nas atividades do cotidiano, especialmente em ambientes externos ou com iluminação intensa (Sano, 2025). Outro aspecto importante mencionado pelo autor está relacionado às alterações nas vias ópticas, especialmente no cruzamento das fibras do nervo óptico. Em indivíduos com albinismo, esse cruzamento ocorre de forma anormal, o que pode interferir na forma como as imagens são processadas pelo cérebro. Essa condição contribui para dificuldades na organização da informação visual e pode impactar a percepção espacial.

Dessa forma, percebe-se que as alterações visuais no albinismo envolvem tanto aspectos estruturais quanto funcionais do sistema visual. Essas mudanças não apenas reduzem a qualidade da visão, mas também influenciam diretamente a forma como o indivíduo interage com o ambiente, reforçando a importância de um acompanhamento adequado desde a infância para minimizar seus impactos (Andrade *et al*., 2024).

Nesse sentido, Mosquera *et al*. (2020) descreveram que as pessoas com albinismo geralmente apresentam um conjunto de alterações visuais associadas, e não apenas uma única dificuldade. Essas alterações estão relacionadas às mudanças estruturais do sistema visual e acabam interferindo diretamente no desempenho das atividades do dia a dia.

1.3.1. Erros refrativos no albinismo

Os erros refrativos são alterações bastante frequentes em pessoas com albinismo e contribuem significativamente para a redução da qualidade visual. Esses erros ocorrem quando a luz não é focalizada corretamente na retina, o que compromete a formação de imagens nítidas. Ribeiro (2019), acrescentou que no contexto do albinismo, essas alterações estão associadas ao desenvolvimento incompleto das estruturas oculares, o que torna ainda mais comum a presença de dificuldades visuais.

Entre os principais erros refrativos encontrados nesses indivíduos, destacam-se a miopia, caracterizada pela dificuldade de enxergar objetos distantes; a hipermetropia, que dificulta a visão de perto; e o astigmatismo, que provoca distorções na imagem devido a irregularidades na curvatura da córnea. Para Oliveira, Ferreira e Foschini (2022), os erros

Este artigo é publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC-BY), que permite uso, distribuição e reprodução irrestritos em qualquer meio, desde que o autor original e a fonte sejam creditados.

refrativos são frequentemente identificados em pacientes com alterações visuais desde a infância, sendo necessários cuidados específicos para evitar prejuízos no desenvolvimento visual. Quando não corrigidos, os erros refrativos podem agravar ainda mais a baixa acuidade visual já presente no albinismo, dificultando atividades escolares e cotidianas.

1.4. A Atenção Primária à Saúde para a população com albinismo

A atenção primária à saúde representa o primeiro nível de cuidado oferecido à população e tem um papel essencial no acompanhamento de pessoas com albinismo. Por ser a porta de entrada do sistema de saúde, é nesse contexto que ocorre a identificação inicial das necessidades do indivíduo, permitindo o reconhecimento precoce de alterações visuais e dermatológicas. No caso do albinismo, essa atuação se torna ainda mais relevante, uma vez que a condição envolve alterações que acompanham o indivíduo desde o nascimento e que exigem acompanhamento contínuo ao longo da vida (Andrade *et al*., 2024; Brasil, 2022).

Deste modo, a atenção primária atua na triagem inicial, sendo capaz de identificar sinais como baixa acuidade visual, dificuldade de fixação, presença de nistagmo e sensibilidade à luz. Essas manifestações, quando observadas precocemente, possibilitam encaminhamentos adequados para avaliação especializada, evitando atrasos no diagnóstico e reduzindo impactos no desenvolvimento visual e cognitivo da criança (Brasil, 2022).

Além disso, a atenção primária permite acompanhar de forma contínua o desenvolvimento da criança com albinismo, observando não apenas a evolução das alterações visuais, mas também suas repercussões no aprendizado e na interação social. Muitas vezes, crianças com baixa visão enfrentam dificuldades para acompanhar atividades escolares, especialmente aquelas que exigem leitura à distância ou exposição à luz intensa. Nesse sentido, a atuação da equipe de saúde pode contribuir com orientações específicas para adaptação do ambiente escolar, como posicionamento adequado na sala de aula, uso de materiais ampliados e controle da iluminação (WHO, 2019; Andrade *et al.,* 2024).

Outro aspecto importante diz respeito às ações de prevenção, que fazem parte das estratégias da atenção primária. No caso do albinismo, essas ações envolvem principalmente a proteção contra a radiação solar, considerando a maior sensibilidade da pele e dos olhos. O uso de protetor solar, óculos com filtro UV, chapéus e bonés deve ser constantemente orientado, além da recomendação de evitar a exposição prolongada ao sol. Essas medidas são fundamentais para prevenir danos à pele e reduzir o desconforto visual causado pela fotofobia (Brasil, 2022; Sano, 2025).

Este artigo é publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC-BY), que permite uso, distribuição e reprodução irrestritos em qualquer meio, desde que o autor original e a fonte sejam creditados.

Além da prevenção, a educação em saúde se destaca como um dos pilares da atenção primária. Informar o paciente e sua família sobre a condição, suas características e cuidados necessários contribui para uma melhor adaptação e adesão ao acompanhamento. A falta de informação ainda é um fator que contribui para o preconceito e para dificuldades de inclusão, principalmente no ambiente escolar. Dessa forma, ações educativas também desempenham um papel importante na construção de um cuidado mais humanizado e inclusivo (WHO, 2019).

Outro ponto relevante é a articulação entre os diferentes níveis de atenção à saúde. Nesse contexto, a atenção primária atua como organizadora do cuidado, sendo responsável por encaminhar o paciente para serviços especializados, como oftalmologia e optometria, sempre que necessário. Esse fluxo garante que o indivíduo receba um acompanhamento mais completo, com avaliações específicas e intervenções adequadas para cada caso. A atuação integrada entre os profissionais possibilita um cuidado mais eficiente e centrado nas necessidades do paciente (WHO, 2019).

Dessa forma, a atenção primária à saúde se consolida como um espaço essencial para a promoção da saúde, prevenção de complicações e melhoria da qualidade de vida, contribuindo para que essas pessoas tenham mais autonomia e inclusão na sociedade (Andrade *et al*., 2024; Brasil, 2022).

1.5. A atuação do optometrista com a saúde visual de pessoas com albinismo

A atuação do optometrista é fundamental no cuidado com a saúde visual de pessoas com albinismo, especialmente por se tratar de uma condição que compromete a função visual desde o nascimento. Nesse contexto, Sonoda, Silva e Pereira (2021) afirmam que a optometria desempenha um papel importante na promoção da saúde visual, atuando na avaliação, prevenção e reabilitação das funções visuais. Embora o optometrista não trate a causa genética da condição, sua atuação é essencial para melhorar o desempenho visual e proporcionar maior qualidade de vida aos pacientes (Rosenfield, 2016; Sano, 2025).

De acordo com Andrade *et al*., (2024), inicialmente, o optometrista exerce um papel importante na avaliação da função visual, realizando exames que permitem identificar alterações como baixa acuidade visual, presença de nistagmo, estrabismo e erros refrativos, como miopia, hipermetropia e astigmatismo.

Além da avaliação, a prescrição de correção óptica é uma das principais formas de intervenção do optometrista. O uso de óculos adequados contribui para melhorar a qualidade da visão, especialmente nos casos de erros refrativos associados. Em muitos casos, também são indicadas lentes com filtros especiais, que ajudam a reduzir a fotofobia, um dos sintomas mais

Este artigo é publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC-BY), que permite uso, distribuição e reprodução irrestritos em qualquer meio, desde que o autor original e a fonte sejam creditados.

frequentes no albinismo, proporcionando maior conforto visual em ambientes iluminados (Sano, 2025).

Outro ponto relevante é a utilização de recursos de baixa visão, como lupas, telescópios e materiais ampliados, que auxiliam na realização de atividades como leitura e escrita. Esses recursos são fundamentais para promover maior autonomia, principalmente no contexto escolar, onde as demandas visuais são mais intensas. Nesse contexto, Rosenfield (2016), indica que o uso adequado de auxílios ópticos pode melhorar significativamente o desempenho visual e a qualidade de vida.

Portanto, o optometrista realiza uma avaliação visual completa, analisando aspectos como acuidade visual, coordenação dos movimentos oculares e presença de erros refrativos. A partir dessa avaliação, o profissional pode prescrever óculos adequados, incluindo lentes com filtros especiais que auxiliam na redução da fotofobia. Assim, essas estratégias contribuem diretamente para a autonomia e inclusão do indivíduo, mostrando que a optometria vai além da correção visual, sendo essencial para a qualidade de vida das pessoas com albinismo (Sonoda; Silva*; Pereira,* 2021).

1.5.1. Fotofobia, estrabismo e nistagmo na prática optométrica

Em relação à fotofobia, o optometrista pode indicar o uso de lentes com proteção ultravioleta, lentes escuras ou com filtros especiais, além de orientar o paciente quanto à adaptação de ambientes, como o controle da iluminação. Essas medidas contribuem significativamente para o conforto visual no dia a dia.

No caso do estrabismo, Sonoda, Silva e Pereira (2021) afirmaram que a terapia visual é uma das principais estratégias utilizadas pela optometria. Dessa forma, por meio de exercícios específicos, busca-se melhorar a coordenação ocular e favorecer o alinhamento dos olhos, contribuindo para uma melhor visão binocular. Essa intervenção é especialmente importante na infância, período em que o sistema visual ainda está em desenvolvimento.

Já o nistagmo, segundo Sano (2017), uma das estratégias utilizadas envolve o ajuste da posição de olhar, buscando a chamada “posição de bloqueio”, na qual os movimentos oculares são reduzidos. Em alguns casos, o uso de prismas pode ser indicado para auxiliar no posicionamento visual e melhorar o desempenho funcional da visão.

Este artigo é publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC-BY), que permite uso, distribuição e reprodução irrestritos em qualquer meio, desde que o autor original e a fonte sejam creditados.

1.6. Qualidade de vida de pessoas com albinismo na perspectiva da optometria

De acordo com o Ministério da Saúde, a saúde visual é um fator essencial para o desenvolvimento humano, influenciando diretamente a qualidade de vida e a inclusão social (WHO, 2019).

Nesse sentido, a qualidade de vida das pessoas com albinismo está diretamente relacionada à sua condição visual, uma vez que as alterações presentes afetam não apenas a capacidade de enxergar, mas também o desempenho em atividades escolares, profissionais e sociais.

Dentro dessa realidade, tanto a orientação quanto à organização do ambiente também são essenciais. Ajustes simples, como melhorar a iluminação, adaptar a distância de leitura e utilizar materiais com letras ampliadas, podem fazer grande diferença no dia a dia dessas pessoas. Essas adaptações contribuem para reduzir as dificuldades visuais e favorecer o processo de aprendizagem, especialmente no ambiente escolar, tornando o espaço mais acessível e inclusivo (Oliveira; Ferreira; Foschini, 2022; Andrade *et al*., 2024).

Dessa forma, é possível perceber que a qualidade de vida das pessoas com albinismo não depende apenas da condição biológica, mas também do acesso a cuidados visuais adequados e de um ambiente inclusivo. Nesse sentido, a atuação conjunta entre profissionais da saúde e da educação se torna essencial para promover melhores condições de desenvolvimento (Sano, 2025; WHO, 2019).

2. METODOLOGIA

O presente trabalho caracteriza-se como uma pesquisa de revisão integrativa de literatura, com abordagem de natureza qualitativa. Nesse contexto, a revisão integrativa foi conduzida a partir da seguinte pergunta norteadora: Quais são os cuidados com a saúde visual de pessoas com albinismo, considerando os desafios, formas de prevenção e a qualidade de vida sob a perspectiva da optometria? Essa questão orientou todas as etapas do processo metodológico, desde a definição dos descritores até a análise dos resultados.

Dessa forma, para responder a essa pergunta, foi realizada a busca de artigos envolvendo os descritores: “albinismo”, “albinism”, “albinismo ocular”, “optometria”, “optometry”, “saúde visual”, “eye health”, e “ocular albinism”. A partir desses descritores foram utilizados os operadores “and” e “or” para o cruzamento de dados.

As produções científicas foram selecionadas a partir de bases de dados PubMed, Scientific Electronic Library Online (SciELO), portal de periódicos da CAPES e portal de teses e dissertações da CAPES. Os critérios de triagem foram: a seleção de referências apenas em

Este artigo é publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC-BY), que permite uso, distribuição e reprodução irrestritos em qualquer meio, desde que o autor original e a fonte sejam creditados.

artigos completos de periódicos científicos indexados e publicados nos idiomas português, inglês e espanhol, durante o período de 2014 a 2025. Os registros que continuaram como elegíveis passaram por uma análise por meio da leitura de seus resumos e todos os arquivos duplicados ou fora do tema encontrados nas bases de dados foram excluídos. Após isso, os artigos completos dos periódicos científicos que atenderam a todos os demais critérios foram analisados e estudados a fim de se obter os resultados do objetivo proposto.

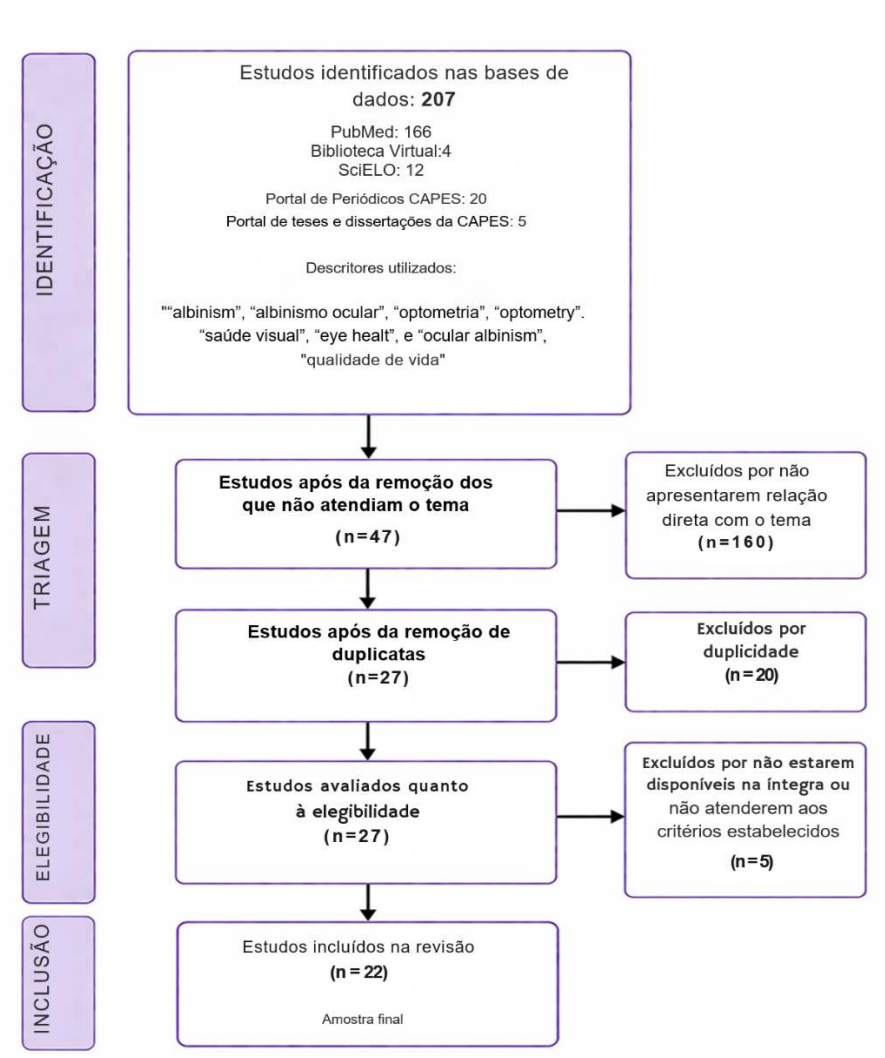
Assim, a sistematização do processo de busca, seleção e inclusão dos estudos pode ser visualizada na Figura 1, que apresenta o fluxograma das etapas metodológicas da revisão integrativa, desde a identificação dos registros até a composição final da amostra analisada.

Após a seleção dos 22 artigos para análise final e construção da revisão, foi realizado um fichamento das obras escolhidas, com o objetivo de organizar as principais informações e facilitar a análise dos dados. Posteriormente, os estudos foram sistematizados em um quadro, contendo informações como ano de publicação, título, autores e periódico, permitindo uma melhor visualização e comparação das produções analisadas (Quadro 1).

Assim, é importante mencionar que tivemos algumas limitações das bases de dados na pesquisa pela falta de dados disponíveis sobre o tema e de fatores como o uso específico de artigos gratuitos que estivessem disponíveis on-line. Outro obstáculo identificado durante a procura nas bases de dados foi o número reduzido de pesquisas sobre o albinismo, especialmente no Brasil. Nesse sentido, há a necessidade de investimentos na condução de pesquisas futuras sobre essa problemática.

Este artigo é publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC-BY), que permite uso, distribuição e reprodução irrestritos em qualquer meio, desde que o autor original e a fonte sejam creditados.

Figura 1. Fluxograma do processo de seleção dos estudos



Fonte: Autoria Própria (2026)

Este artigo é publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC-BY), que permite uso, distribuição e reprodução irrestritos em qualquer meio, desde que o autor original e a fonte sejam creditados.

Quadro 1. Relação de trabalhos utilizados na pesquisa

ANO	TÍTULO	AUTORES	PERIÓDICO/ REPOSITÓRIO
2014	*Increasing the complexity: new genes and new types of albinism.*	MONTOLIU, L, *et al*	Pigment Cell & Melanoma Research
2016	*Computer vision syndrome: a review of ocular causes and potential treatments*	ROSENFIELD, M.	Ophthalmic and Physiological Optics
2016	Perfil do paciente albino com visão subnormal	PEREIRA, Diego; ARAUJO, Evandro; PATUZZO, Fernanda	Rev Bras Oftalmol
2017	Acuidade visual e desempenho escolar de estudantes em um município na Amazônia Brasileira	ARANHA, L. *et al.*	Esc. Anna Nery
2017	Alterações oculares no albinismo	SANO, M.	Repositório -USP
2019	Albinismo oculocutâneo: sinais e características	RIBEIRO, L.	Repositório Acadêmico
2019	*Oculocutaneous albinism*	GRØNSKOV, K, *et al*.	Orphanet Journal of Rare Diseases
2019	*World report on vision*	WORLD HEALTH ORGANIZATION (WHO).	World Health Organization (IRIS Repository)
2020	Doenças oculares mais comuns que afetam crianças e adolescentes atendidas em um centro de atendimento em Curitiba/PR	MOSQUERA, C. F. F. *et al.*	Revista InCantare
2021	Optometria no Brasil: contextualizando a sua ação e função social	SONODA, R.; SILVA, F.; PEREIRA, R.	Recisatec – Revista científica saúde e tecnologia
2021	Pessoas com albinismo no mundo	ERO, I.	OHCHR – Organização das Nações Unidas

Este artigo é publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC-BY), que permite uso, distribuição e reprodução irrestritos em qualquer meio, desde que o autor original e a fonte sejam creditados.

2021	Escravos brancos no Brasil oitocentista: tráfico interno, distinções raciais e significados de ser branco durante a escravidão	ROSA, M.	Afro-Ásia, Salvador
2021	As pessoas com albinismo e o direito à saúde pública no Brasil	LUZ, Joselito	CAOS – Revista Eletrônica de Ciências Sociais
2022	Avaliação do albinismo no Brasil	MOURA, P.	Repositório da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)
2022	*Ophthalmological Manifestations of Oculocutaneous and Ocular Albinism: Current Perspectives*	NEVEU, Maguella *et al*	Clin Ophthalmol
2022	Alterações oculares na infância e adolescência	OLIVEIRA, I.; FERREIRA, M.; FOSCHINI, R.	Revista USP
2022	Perfil de saúde das pessoas com albinismo no Brasil e no mundo	BRASIL	Ministério da Saúde / Gov.br
2023	Saúde neurovisual e aprendizagem	SONODA, R. T.	Recima21 – Revista científica multidisciplinar
2023	*Vision-Related Quality of Life in Danish Patients with Albinism and the Impact of an Updated Optical Rehabilitation*	LISBJERG, Kristian *et al.*	J Clin Med
2024	Introdução ao estudo do albinismo	ANDRADE, *Fernando et al.*	Amplla Editora
2025	Albinismo e saúde ocular	SANO, F. T.	Revista de Oftalmologia
2025	Albinismo e saúde pública: desafios e perspectivas para a promoção do cuidado integral no Brasil	AMORIN, Carolina. *et al.,*	Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação

Este artigo é publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC-BY), que permite uso, distribuição e reprodução irrestritos em qualquer meio, desde que o autor original e a fonte sejam creditados.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir da análise dos estudos selecionados, constatou-se que o albinismo está associado a alterações significativas no sistema visual, comprometendo diretamente a qualidade de vida dos indivíduos afetados. Entre os principais achados, destacam-se a baixa acuidade visual, o nistagmo, o estrabismo, a fotofobia e os erros refrativos, manifestações que frequentemente ocorrem de forma concomitante. Essas alterações decorrem, principalmente, do desenvolvimento incompleto das estruturas oculares, especialmente da retina e da mácula, o que compromete a função visual e limita o ganho de acuidade, mesmo com o uso de correção óptica. (Ribeiro, 2019; Sano, 2017; Andrade *et al.,* 2024).

Além das alterações oftalmológicas, os resultados evidenciam que a baixa visão decorrente do albinismo não deve ser compreendida apenas como uma condição clínica, mas também como um fator que compromete a autonomia, a participação social e a qualidade de vida dos indivíduos. Dificuldades em atividades cotidianas, como leitura, escrita e reconhecimento de objetos à distância, repercutem negativamente no desempenho escolar, nas relações interpessoais e na independência funcional. Dessa forma, a redução da acuidade visual está diretamente associada a prejuízos no desenvolvimento educacional e na realização das atividades diárias. (Mosquera *et al*., 2020; Aranha *et al*., 2017).

Corroborando esses achados, dados do Ministério da Saúde demonstraram que pessoas com albinismo apresentam diversas alterações oftalmológicas, entre elas nistagmo, astigmatismo, hipermetropia, estrabismo e déficits na percepção visual. Essas manifestações reforçam a necessidade de acompanhamento contínuo e multiprofissional, uma vez que os impactos do albinismo extrapolam as limitações visuais e abrangem aspectos funcionais, educacionais e sociais da vida do indivíduo. (Brasil, 2022). Nesse contexto, torna-se evidente a relevância da atuação do optometrista no acompanhamento de pessoas com albinismo (Sonoda; Silva; Pereira, 2021).

Além das intervenções ópticas, a literatura destaca a importância de estratégias complementares, como a terapia visual, no processo de reabilitação. A implementação precoce dessas intervenções, especialmente durante a infância, período de maior plasticidade do sistema visual, pode favorecer o desenvolvimento das funções visuais e ampliar a capacidade de adaptação do indivíduo.

Nessa perspectiva, o acompanhamento contínuo torna-se indispensável para potencializar os resultados terapêuticos e minimizar os impactos das alterações visuais ao longo da vida. (Oliveira; Ferreira; Foschini, 2022; Sonoda, 2023).

Este artigo é publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC-BY), que permite uso, distribuição e reprodução irrestritos em qualquer meio, desde que o autor original e a fonte sejam creditados.

Um estudo realizado por Neveu *et al.,(*2022) sobre o albinismo oculocutâneo (OCA) e ocular (AO), mostrou que um diagnóstico preciso orienta o tratamento clínico e é essencial para pacientes que necessitem de intervenção médica ou acompanhamento, como aqueles com algumas formas sindrómicas de OCA. Nesse sentido, os recentes avanços na genética oferecem a possibilidade de um diagnóstico preciso, caso os testes genéticos sejam indicados, mas a disponibilidade da genotipagem pode ser limitada, e o diagnóstico precoce pode ser dificultado se os sintomas e sinais forem leves ou inespecíficos. Dessa forma, a eletrofisiologia visual pode desempenhar um papel fundamental na distinção do albinismo e de outras doenças, incluindo aquelas associadas à hipopigmentação ocular.

Outro aspecto importante identificado refere-se à necessidade de adaptações no ambiente, principalmente no contexto escolar. A utilização de materiais ampliados, o posicionamento adequado na sala de aula e a orientação dos professores são medidas que favorecem o processo de aprendizagem. Essas adaptações contribuem para reduzir as dificuldades visuais e promover maior inclusão educacional (Oliveira; Ferreira; Foschini, 2022; Sonoda, 2023).

Além dos aspectos clínicos, a qualidade de vida das pessoas com albinismo está diretamente relacionada ao acesso à informação, aos serviços de saúde e às oportunidades de inclusão social. A escassez de conhecimento sobre a condição ainda contribui para a ocorrência de estigmas, preconceito e exclusão, reforçando a necessidade de ações educativas e da implementação de políticas públicas direcionadas às demandas dessa população (Ero, 2021). Nesse sentido, Amorim *et al.* (2025) destacaram a importância da formulação de políticas públicas específicas para pessoas com albinismo, especialmente aquelas residentes em áreas rurais, onde o acesso aos serviços de saúde, ao transporte e aos recursos especializados é mais limitado.

Corroborando essa perspectiva, Lisbjerg *et al.* (2023), ao investigarem a qualidade de vida de pacientes dinamarqueses com albinismo ocular, com idade média de 35,9 anos, observaram que a reabilitação óptica promoveu melhorias significativas em diferentes domínios, incluindo a redução da dor ocular, a melhora da saúde mental e o aumento da capacidade de realizar atividades de forma independente e sem preocupações. Os autores também ressaltam que a atuação optométrica contribui diretamente para a promoção da autonomia e da qualidade de vida, especialmente quando associada à prescrição de recursos ópticos e à adoção de estratégias de adaptação visual.

Dessa forma, os estudos analisados reforçam que o cuidado à pessoa com albinismo deve ocorrer de maneira integral, contemplando não apenas intervenções clínicas e ópticas, mas

Este artigo é publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC-BY), que permite uso, distribuição e reprodução irrestritos em qualquer meio, desde que o autor original e a fonte sejam creditados.

também ações de reabilitação visual, suporte educacional, inclusão social e acompanhamento contínuo. Nesse contexto, a atuação do optometrista, integrada a uma abordagem multiprofissional, desempenha papel essencial na promoção da funcionalidade visual, da autonomia e da qualidade de vida, contribuindo para minimizar os impactos biopsicossociais associados ao albinismo (Andrade *et al.,* 2024; Sonoda *et al*., 2021).

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo possibilitou compreender que o albinismo é uma condição genética que vai além das características físicas decorrentes da redução ou ausência de melanina, estando diretamente associado a importantes alterações no sistema visual. As evidências analisadas demonstraram que manifestações como baixa acuidade visual, fotofobia, nistagmo, estrabismo e erros refrativos comprometem significativamente a função visual, repercutindo de forma expressiva na qualidade de vida das pessoas com albinismo.

Verificou-se, ainda, que as limitações visuais exercem influência direta sobre o desenvolvimento escolar, social e emocional desses indivíduos, especialmente durante a infância e a adolescência. Dificuldades relacionadas à leitura, ao acompanhamento das atividades escolares e à realização de tarefas cotidianas podem comprometer a aprendizagem, a autonomia e a participação social, evidenciando a necessidade de intervenções precoces, acompanhamento especializado e estratégias que favoreçam a acessibilidade visual e a inclusão.

Nesse contexto, a optometria desempenha um papel de grande relevância ao atuar na prevenção e reabilitação das alterações visuais associadas ao albinismo. A avaliação optométrica possibilita a identificação das disfunções que interferem no desempenho visual e contribui para a prescrição de recursos que proporcionam maior conforto e funcionalidade, como correções ópticas, filtros seletivos, recursos de ampliação e orientações individualizadas. Dessa forma, a atuação do optometrista representa um importante instrumento para minimizar os impactos funcionais decorrentes das alterações visuais presentes nessa condição.

Entretanto, esta pesquisa também evidenciou que muitas das alterações oculares relacionadas ao albinismo possuem origem estrutural e neurossensorial, o que limita a possibilidade de correção total da visão. Assim, torna-se indispensável o acompanhamento contínuo e multiprofissional, envolvendo profissionais das áreas da saúde, da educação e da assistência social, com o objetivo de oferecer um cuidado integral, humanizado e centrado nas necessidades de cada indivíduo.

Este artigo é publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC-BY), que permite uso, distribuição e reprodução irrestritos em qualquer meio, desde que o autor original e a fonte sejam creditados.

Outro aspecto relevante identificado refere-se à necessidade de ampliar a conscientização da sociedade acerca do albinismo. O preconceito, a desinformação e a invisibilidade ainda vivenciados por essa população constituem barreiras importantes ao acesso à saúde, à educação e à plena inclusão social. Nesse sentido, o fortalecimento das políticas públicas, a implementação de adaptações no ambiente escolar, a ampliação do acesso a recursos de tecnologia assistiva e a capacitação dos profissionais que atuam com essa população são medidas essenciais para promover maior equidade e qualidade de vida.

Conclui-se, portanto, que a optometria exerce papel fundamental no acompanhamento das pessoas com albinismo, contribuindo não apenas para a otimização do desempenho visual, mas também para a promoção da autonomia, da inclusão, do bem-estar e da qualidade de vida. Contudo, seus benefícios tornam-se ainda mais efetivos quando integrados a uma abordagem multiprofissional, capaz de minimizar os impactos do albinismo, favorecendo melhores condições de desenvolvimento, inclusão social, bem-estar e participação plena na sociedade.

Por fim, este estudo reforça a importância da realização de novas pesquisas sobre o albinismo, especialmente aquelas voltadas à reabilitação visual, ao desenvolvimento de recursos assistivos e à avaliação de estratégias de inclusão social.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Fernando. *et al.***Introdução ao estudo do albinismo**. 2024. Disponível em: https://ampllaeditora.com.br/books/2024/09/IntroducaoEstudosAlbinismo.pdf. Acesso em: 12 abr. 2026.

AMORIN, Carolina. *et al.* Albinismo e saúde pública: desafios e perspectivas para a promoção do cuidado integral no Brasil. **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação.** São Paulo, v. 11, n. 12, dez. 2025. Disponível em: https://periodicorease.pro.br/rease/article/view/22852/14574. Acesso em: 12 maio. 2026.

ARANHA, Lauramaris *et al*. **Acuidade visual e desempenho escolar de estudantes em um município na Amazônia Brasileira**. 2017. Esc. Anna Nery. 21(2) • 2017 • doi.org/10.5935/1414-8145.20170032. Disponível em: https://www.scielo.br/j/ean/a/NkdGy455dBmDZPMvfFVmw4L/?format=pdf&lang=pt. Acesso em: 17 abr. 2026.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Perfil de saúde das pessoas com albinismo no Brasil e no mundo**. 2022. Disponível em: https://www.gov.br/saude/pt-br/composicao/saps/equidade/publicacoes/pessoas-com-albinismo/revisao-de-escopo-rapida-perfil-de-saude-das-pessoas-com-albinismo-no-brasil-e-no-mundo201d/view. Acesso em: 17 abr. 2026.

ERO, Ikponwosa. **Pessoas com Albinismo no Mundo**: Uma perspectiva de direitos humanos. [s.l.: s.n.], 2021. Disponível em: <https://www.ohchr.org/sites/default/files/Documents/Issues/Albinism/Albinism_Worldwide_Report2021_PT.pdf>. Acesso em: 12 abr. 2026.

Este artigo é publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC-BY), que permite uso, distribuição e reprodução irrestritos em qualquer meio, desde que o autor original e a fonte sejam creditados.

GRØNSKOV, K, *et al*. Um haplotipo patogênico, comum nos europeus, causa albinismo recessivo autossômico e descobre a falta de herdabilidade na OCA. ***Sci Rep***. 2019; 9(1):645. Disponível em: https://europepmc.org/article/pmc/pmc6345944. Acesso em: 20 maio. 2026.

IBGE. Censo 2022: **Brasil tem 14,4 milhões de pessoas com deficiência**. Disponível em: https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/43463-censo-2022-brasil-tem-14-4-milhoes-de-pessoas-com-deficiencia. Acesso em: 06 maio 2026.

IPC-INSTITUTO PARAENSE DE CEGOS. **Deficiência visual.** 2026. Disponível em: https://www.novoipc.org.br/institucional/deficiencia-visual. Acesso em: 06 maio 2026.

LUZ, Joselito. As pessoas com albinismo e o direito à saúde no Brasil. 2021**.** ***Caos***. V2. N 27Disponível em: https://periodicos.ufpb.br/index.php/caos/article/view/60209/34752. Acesso em: 12 abr. 2026.

LISBJERG, Kristian *et al.* Vision-Related Quality of Life in Danish Patients with Albinism and the Impact of an Updated Optical Rehabilitation. ***J Clin Med*** 22;12(17):5451.2023. doi: 10.3390/jcm12175451. https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/37685518/. Acesso em: 15 maio 2026.

MONTOLIU, Lluís *et al.* Increasing the complexity: new genes and new types of albinism. ***Pigment Cell & Melanoma Research*, Hoboken**, v. 27, n. 1, p. 11-18, 2014. Disponível em: https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/24066960/. Acesso em: 15 maio 2026.

MOSQUERA, Carlos Fernando França *et al.* Doenças oculares mais comuns que afetam crianças e adolescentes atendidas em um centro de atendimento em Curitiba/PR. ***Revista InCantare,*** 2020. Disponível em: https://periodicos.unespar.edu.br/incantare/article/view/4042. Acesso em: 15 maio 2026

MOURA, Paulyana. **Avaliação e Caracterização de Clusters de Albinismo no Brasil, Porto Alegre**: [s.n.], 2022. Disponível em: https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/254148/001159729.pdf?sequence=1. Acesso em: 17 abr. 2026.

NEVEU, Maguella *et al*. Ophthalmological Manifestations of Oculocutaneous and Ocular Albinism: Current Perspectives. ***Clin Ophthalmol***. 2022. DOI: 10.2147/OPTH.S329282. Disponível em: https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/35637898/. Acesso em: 15 maio. 2026.

OLIVEIRA, I.; FERREIRA, M.; FOSCHINI, R. Alterações oculares na infância e adolescência. ***Revista USP*** . Disponível em: https://revistas.usp.br/rmrp/es/article/view/178261. Acesso em: 17 abr. 2026.

PEREIRA, Diego; ARAUJO, Evandro; PATUZZO, Fernanda. Perfil do paciente albino com visão subnormal. ***Rev Bras Oftalmol***. 2016; 75 (6): 456-60. Disponível em: https://www.scielo.br/j/rbof/a/MdtXGjM6MmkR7y4pQnCHgJk/?format=pdf&lang=pt. Acesso em: 12 abr. 2026.

RIBEIRO, Luíse. **Albinismo oculocutâneo: sinais e características**. Disponível em repositório acadêmico, 2019. Disponível em: https://teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47135/tde-05022020-190524/publico/ribeiro_corrigida.pdf?utm_source=chatgpt.com

ROSA, Marcus Vinícius. Escravos Brancos no Brasil Oitocentista: Tráfico Interno, Distinções Raciais e Significados de ser Branco Durante a Escravidão. ***Afro-Ásia***, n. 64, p. 51-94. UFRS.

Este artigo é publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC-BY), que permite uso, distribuição e reprodução irrestritos em qualquer meio, desde que o autor original e a fonte sejam creditados.

Porto Alegre, 2021. Disponível em: https://www.redalyc.org/journal/770/77070146002/html/. Acesso em: 17 abr. 2026.

ROSENFIELD, Mark. Computer vision syndrome: a review of ocular causes and potential treatments. ***Ophthalmic and Physiological Optics***, v. 36, n. 5, 2016.

SANO, Fábio Tadeu. **Alterações estruturais e funcionais do sistema visual em pessoas com albinismo**. Repositório da Universidade de São Paulo (USP), 2017.

_____. **Albinismo e saúde ocular: o que todo oftalmologista precisa saber para um tratamento eficaz e acolhedor**. 2025. Disponível em: https://www.scielo.br/j/rbof/a/VLjPtydDsxChm3LkyCWbY4Q/?format=pdf&lang=pt. Acesso em: 20 abr. 2026.

SONODA, Rodrigo Trentin; SILVA, F.; PEREIRA, R. Optometria no Brasil: contextualizando a sua ação e função social. Recisatec – ***Revista científica saúde e tecnologia***, 2021. Disponível em: https://recisatec.com.br/recisatec/article/view/37. Acesso em: 12 abr. 2026.

_____. Saúde neurovisual e aprendizagem. ***Recima21*** – *Revista Científica Multidisciplinar*, 2023. Disponível em: https://recima21.com.br/recima21/article/view/2620/1958. Acesso em: 12 abr. 2026.

WORLD HEALTH ORGANIZATION (WHO). **World report on vision**. Geneva: WHO, 2019. Disponível em: https://iris.who.int/server/api/core/bitstreams/a1406549-82eb-468b-a5a7-1c30a233eb2f/content. Acesso em: 12 abr. 2026.

Este artigo é publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC-BY), que permite uso, distribuição e reprodução irrestritos em qualquer meio, desde que o autor original e a fonte sejam creditados.